

Hoechst planeja o futuro



Pesquisadores da HOECHST dominam a erosão

A erosão da chuva e do vento ameaça estradas e povoações. O vento e a chuva desnudam terras recém-semeadas e, assim, devastam colheitas inteiras.

Os cientistas da HOECHST forjaram novas armas contra os efeitos maléficos da chuva e do vento. Seus trabalhos em grande escala contra a erosão de barrancos de estradas foram coroados de pleno êxito. Nos desertos lograram vencer as dunas movediças. O novo produto de combate à erosão, (R) Curasol, produzido aqui pela Hoechst do Brasil, é uma resina sintética que pode ser pulverizada sobre extensas áreas, fixando as camadas superiores de terra e areia, retendo a umidade do solo. Esta emulsão de resina sintética pode, por exemplo, ser misturada com sementes de grama. A sementeira, assim protegida, começará a germinar depois de pouco tempo e ajudará a reforçar ainda mais o efeito consolidador de Curasol.

Progresso por pesquisa coordenada

Curasol: Fruto dos conhecimentos e experiências práticas da HOECHST em inúmeros setores. Da petroquímica HOECHST vêm os produtos primários. Coadjuvam as experiências que HOECHST colheu nos domínios das emulsões de resinas sintéticas, da fertilização de solos e na defesa sanitária vegetal. Planejamento sistematizado como estratégia. HOECHST aplica suas pesquisas, seus trabalhos de desenvolvimento e suas experiências na solução de problemas específicos. Orientação e tecnologia sistematizadas asseguram o êxito. Com seus 9.500 colaboradores nos laboratórios de pesquisa e departamentos de ensaio e, ainda, com investimentos que ultrapassam 400 milhões de marcos (uns 700 milhões de cruzeiros), gastos em trabalhos de pesquisa, HOECHST ajuda a vencer os problemas de hoje — e do amanhã.

HOECHST DO BRASIL

A HOECHST DO BRASIL é uma empresa autônoma dentro dos moldes do Grupo HOECHST, cujas atividades se entendem pelos cinco Continentes. A grande maioria de seus colaboradores são brasileiros, conhecedores de sua terra e cômicos de sua missão de cooperar com o progresso de seu país. Eles se esforçam em aproveitar as enormes possibilidades oferecidas por uma organização mundial como a HOECHST. Capazes, experientes e com seu espírito progressista, eles tratam de explorar ao máximo as oportunidades que o vasto programa HOECHST lhes proporciona. Com seu trabalho de transmitir aos parceiros em seu próprio país seus conhecimentos técnicos e os "know-hows" da empresa, eles contribuem para o progresso da Nação.

A HOECHST DO BRASIL, contando com 2.000 colaboradores, produz em suas fábricas de São Paulo, Suzano, Osasco e Teresópolis, uma vasta gama de produtos químicos, especialidades farmacêuticas, produtos cosméticos, fibras sintéticas. E tem projetos que realizará dentro em breve nos campos petroquímico e gráfico. As suas instalações fabris estão em contínua expansão.

HOECHST planeja o futuro. Figurando em terceiro lugar entre as empresas químicas da Europa e como número cinco entre as congêneres do mundo inteiro, HOECHST cumpre sua missão de contribuir para um mundo cada vez melhor.



HOECHST

Hoechst do Brasil
Química e Farmacêutica S.A.
Rua Bráulio Gomes, 36
São Paulo

mem pertencer a um partido errado e usar a linguagem de forma eficiente? "Pode, aí é que está toda a complicação! Uma arma é boa indiferentemente se manejada por alguém bom ou mau." Indo mais longe, associou o mau uso da linguagem ao mau governo: "A má linguagem, o mau estilo, está irremediavelmente destinado a acarretar um mau governo, o que é puro Confúcio: se as ordens não forem claras, não podem ser cumpridas. Os meios de comunicação hoje em dia trabalham sobre o nosso subconsciente e não nos deixam apelar para a razão".

Confissões — Poucos dias antes de morrer, Pound tornou-se consciente das perversões monstruosas que a arte (estética), se deformada, pode trazer como consequência ética (no plano social, político e traduzida para o sofrimento humano). Como o povo alemão, ele tinha, por um lado, o legado fascinante da música de Wagner, que glorifica o mito épico da **Kultur** de uma "raça superior". Por outro, os milhões de cadáveres jogados numa fossa na Baviera por uma empilhadeira mecânica nos campos de concentração de Dachau.

A precisão de sua visão artística soube pesar o metal raro da poesia iluminada de um Yeats e um Eliot ou a cunhagem pura do "Ulysses" de Joyce, cujos primeiros capítulos ele publicou em sua célebre "Paris Review", dirigida de seu exílio voluntário dos Estados Unidos. Mas, aos 87 anos de idade, ele parecia completar o círculo iniciado como menino precoce que, aos doze anos de idade, nos subúrbios de Filadélfia, lia em vez de contos de fadas a pessimista "Elegia Escrita num Cemitério" de Thomas Gray.

Suas últimas palavras recolhidas por uma agência de notícias são devastadoras e irrevocáveis. Não parecem ser as do jovem rebelde que aos 22 anos escrevia fogosamente "para defender a humanidade em um mundo devorado pela usura. Escrevo em defesa dessa herança cultural que, brotada das catedrais, inclui séculos de doutrina antiusura". As catedrais, como a de Coventry na Inglaterra, foram arrasadas pelo bombardeio da Luftwaffe. E o jovem idealista, o esteta que "prezara sempre mais as idéias do que o caráter das pessoas", sucumbira à nova lucidez tão impiedosa quanto límpida das suas últimas declarações: "Talvez toda a minha vida tenha sido um erro. Sempre me equivoquei... e tenho prejudicado a todos que me tocaram... Agora sei que nada sei. Tornei-me um iletrado homem de letras. Não posso mais pensar com clareza. Estou apenas consciente da minha desconcertante incerteza".

● Leo Gilson Ribeiro

O triste rebelde



ABRIL PRESS

Lima Barreto:
bem carioca

subúrbio de Todos os Santos, já não existe (é um pequeno prédio de apartamentos), como não existe o hospício que seu pai administrou antes de ser internado nele, na ilha do Governador (é hoje o aeroporto internacional do Galeão).

De Lima Barreto, mulato rebelde e bêbado, o primeiro a colocar em livros a vida dos subúrbios cariocas e bares ordinários, ficaram dezessete volumes (Editora Brasileira) e um coro de lamentações. Seu biógrafo, o escritor e acadêmico Francisco de Assis Barbosa, conta um episódio dos últimos dias de Lima Barreto carregado de uma intenção de censura que perduraria depois da morte do escritor, aos 41 anos. Perguntou-lhe o escritor Peregrino Junior, em 1920:

— Por que bebes tanto, Lima? Um homem do seu talento...

A resposta:

— O que estraga esse país não é a cachaça. É a burrice.

Paradoxos — Na verdade, Afonso Henrique de Lima Barreto pretendia com a irreverência de sua frase responder aos slogans moralistas da época, empenhados numa campanha puritana contra o álcool. Era um procedimento comum para ele, empenhado em outras tarefas de destruição, na sua vida literária e na sua vida particular.

Nascido, por coincidência, num dia 13 de maio — o de 1881 —, ele viu aos sete anos a festa de confraternização de negros libertos no campo de Santana. A princesa Isabel estava presente às comemorações da abolição e ele anotou num diário: "Era loura, muito loura, maternal, com um olhar doce e apiedado...". No resto da sua vida, marcada pelo preconceito de cor e uma

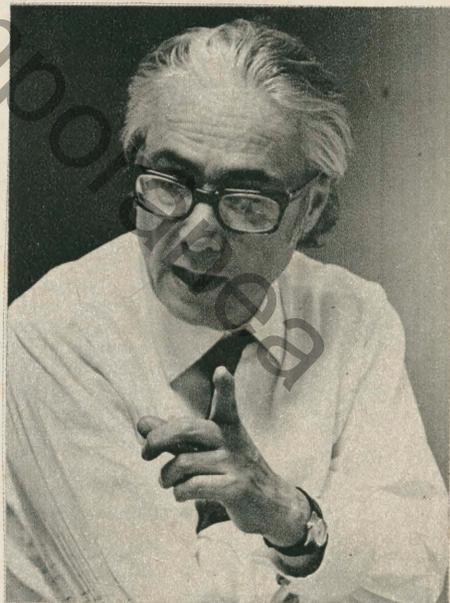
imensa dificuldade de ascensão social, Lima Barreto raramente teria palavras tão delicadas para quem quer que fosse.

O romancista social de "O Triste Fim de Policarpo Quaresma" e o jornalista mordaz de "Bagatelas" introduziu o povo brasileiro como matéria-prima literária e precedeu a literatura social nordestina de Graciliano Ramos e José Lins do Rego pela incorporação da gente de rua nos seus livros. Viveu, porém, em guerra permanente contra seus contemporâneos. Antipatizava com dois grandes nomes do começo do século — Machado de Assis e Coelho Neto — e não hesitou em retratá-los com outras identidades em seus livros.

Mas não era apenas um ressentido. Era positivista, embora pagasse promessas à sua madrinha, Nossa Senhora da Glória. Exaltava o marxismo e a Revolução Soviética, mas não acreditava em nenhuma revolução que não fosse precedida por uma outra, interior. Era anarquista e desprezava a Academia Brasileira de Letras, mas candidatou-se a ela, sem sucesso, quatro vezes, numa delas recebendo o paradoxal voto do ufanista conde Afonso Celso.

Insatisfação — Esta personalidade complexa está sendo estudada por seu biógrafo desde 1940. Barbosa, 58 anos, conta que para começar sua pesquisa procurou os irmãos de Lima Barreto, Carlinho, detetive aposentado, Evangelina, pianista que dava aula em casa, e Eliézer, condutor de trens, todos já falecidos.

Na casa de Evangelina ele encontrou "uns papéis do Lima" e com o material já comido pelas traças, recolhido na biblioteca do escritor, traçou uma genealogia pormenorizada, "A Vida de Lima Barreto". Segundo Barbosa, o escritor



ANTÔNIO ANDRADE

Barbosa: 32 anos de pesquisas